

Fil.

Professor: Gui Franco
Monitor: Debora Andrade



Este conteúdo pertence ao Descomplica. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

RESUMO

Sigmund Freud

Sigmund Freud (1856 – 1939) foi um médico neurologista e filósofo responsável pela criação da psicanálise, conjunto de conhecimentos novos sobre a realidade psíquica do ser humano, sobretudo o conceito de inconsciente, que transformou a forma do ser humano enxergar a si próprio e os limites da sua própria consciência. Aplicou o método investigativo, através do qual seria possível interpretar aquilo que dizemos, assim como nossos sonhos, imaginações, pensamentos vagos, no sentido de tornar conscientes aquelas ideias e desejos que habitam o nosso inconsciente e que, exatamente por isso, temos o hábito de recalcar. Essas novas ideias deram origem a novas formas de tratamento psíquico: Torna-se possível, através da psicanálise, o tratamento de enfermidades, como a neurose, através da fala e da interpretação daquilo que é dito pelo paciente.

O nosso inconsciente é habitado por aquelas coisas que nos causam uma dor tão profunda e que, por isso mesmo, reprimimos e delas não tomamos consciência. No entanto, esse recalco reaparece na forma de sintomas, os quais serão analisados pelo psicanalista. A estrutura do aparelho psíquico é formada por três sistemas: O inconsciente, o pré-consciente e o consciente. O inconsciente é onde se encontram os conteúdos mentais que nós reprimimos, lá estão todos os nossos desejos censurados, nossas pulsões e instintos. O consciente é uma pequena parte de nossa mente que inclui tudo aquilo de que estamos cientes, num dado momento do tempo. Nossa consciência sempre foi a parte mais explorada pelos filósofos ao longo de toda a história do pensamento filosófico, até o surgimento da psicanálise. A partir do surgimento desta, passa-se a dar maior atenção às duas outras partes de nossa mente que haviam sido pouco exploradas até então: O inconsciente e o pré-consciente.

O pré-consciente é uma parte do inconsciente que pode ser facilmente acessada pela consciência através da memória: São as nossas lembranças do dia anterior, a lembrança de todas as ruas que rodeiam a nossa casa, e de tudo aquilo que não temos dificuldade para recordar, caso essa seja a nossa vontade. Essa primeira teoria sobre o aparelho psíquico é, na sequência da obra de Freud, enriquecida por uma segunda teoria do aparelho psíquico, no qual constam as noções fundamentais de Id, ego e superego. Temos aqui uma teoria da personalidade, na qual o Id, o ego e o superego são instâncias diferentes que formam a psique humana.

O Id consiste nos nossos desejos e instintos primitivos, é aquilo que, portanto, nasce conosco, a parte psíquica responsável pelas nossas pulsões. É a partir do Id que surgem os outros dois aspectos de nossa psique. Já o Ego é a instância psíquica responsável pela adequação do Id à realidade, ou seja, que regula os nossos instintos básicos, buscando certo equilíbrio. Assim, desde os nossos primeiros anos de idade, vamos formando o nosso Ego, o que nos ajuda a tentar satisfazer os nossos impulsos de maneira menos imediatista e a nos equilibrar psicologicamente dentro do mundo no qual vivemos.

Por fim, o superego refere-se à representação de ideais e de valores morais por parte dos indivíduos, fazendo com que o Ego perceba aquilo que é ou não, por exemplo, moralmente aceito dentro daquela sociedade da qual o indivíduo faz parte. Segundo Freud, é a partir dos 5 anos de idade que começamos a desenvolver o nosso Superego, justamente por causa do contato da criança com a sociedade. O Superego funciona como uma alerta para o Ego, recalco para o inconsciente aquelas pulsões que não podem ser expressas no âmbito daquela cultura.

2

Fil.



EXERCÍCIOS

1. TEXTO I

Você quer ter boa saúde e vida longa para você e sua família? Anseia viver num mundo onde a dor, o sofrimento e a morte serão coisas do passado? Um mundo assim não é apenas um sonho. Pelo contrário, um novo mundo de justiça logo será realidade, pois esse é o propósito de Deus. Jeová levará a humanidade à perfeição por meio do sacrifício de resgate de Jesus. Os humanos fiéis viverão como Deus queria: para sempre e com saúde perfeita.

A Sentinela, dezembro de 2013. Adaptado.

TEXTO II

Assim, tenho de contradizê-lo quando prossegue argumentando que os homens são completamente incapazes de passar sem a consolação da ilusão religiosa, que, sem ela, não poderiam suportar as dificuldades da vida e as crueldades da realidade. Sem a religião, terão de admitir para si mesmos toda a extensão de seu desamparo e insignificância na maquinaria do universo; não podem mais ser o centro da criação, o objeto de terno cuidado por parte de uma Providência beneficente. Mas não há dúvida de que o infantilismo está destinado a ser superado. Os homens não podem permanecer crianças para sempre; têm de, por fim, sair para a “vida hostil”. Podemos chamar isso de “educação para a realidade”.

Sigmund Freud. *O futuro de uma ilusão*, 1914. Adaptado.

Comente as diferenças entre os dois textos no tocante à religião.

2. **“A modernidade pós-kantiana procura ‘dialetrizar’ a certeza moral. Procurou-se contextualizar a realização moral no momento dialético do progresso da humanidade. Procurou-se encontrar uma medida para avaliar os diferentes graus de realização moral ao alcance do homem. Reconheceu-se que a civilização melhorou a qualidade moral do homem, cujos instintos animais foram sendo progressivamente domesticados. / Os principais representantes desse modelo relativista são os alemães Karl Marx e Sigmund Freud”.**

CUNHA, J. A. *Filosofia – Iniciação à investigação filosófica*. São Paulo: Atual, 1992.

Caracterize, a partir da leitura do texto acima, a concepção filosófica da ética contemporânea, assinalando a resposta correta.

- a) Parece mesmo que a civilização ocidental, ao tentar manter equidistância entre os dois princípios de transcendência que inspiraram suas primeiras conquistas culturais – o princípio de transcendência moral e o princípio de transcendência estética –, viu-se compelida a sustentar a própria ideia de crise como ideal civilizatório unificador. Por traz dessa ideia, está o homem concreto da ação moral, os valores da vida e a valorização do corpo e das paixões.
- b) A consciência, crescente nas décadas que se sucederam a Segunda Guerra Mundial, de que o **“princípio da realidade”** ou o **“movimento dialético da história”**, libertaram o homem da necessidade de realização moral, é a base de sustentação da ética contemporânea. A busca da felicidade não passa pela moral, mas sim pela realização econômico-social de caráter individualizante.
- c) A moralidade, sob a ótica contemporânea, figura no campo das compensações: ela retira o comportamento humano da determinação da realidade e o coloca sob orientação do princípio de prazer. A ética constitui, nesses termos, um conjunto preceitos que orientam os homens na busca pela satisfação responsável e consciente de seus apetites e desejos.
- d) O principal paradigma da moralidade, hoje, possui critérios de valoração regidos pelo seguinte princípio determinante: ou tudo ou nada. Ou o agente moral é obediente, e está moralmente justificado, ou é desobediente e está em falta. Nesses termos, qualquer falta põe em evidência a condição de que tal agente não é bom, pois não é absolutamente bom.
- e) Combater as superstições e o arbítrio de poder, defender o pluralismo e a tolerância das ideias, eis o paradigma da moralidade contemporânea. Com efeito, a tradição religiosa não lhe basta, os ideais morais devem ser filiados à moralidade de uma classe social, buscando o máximo de universalidade e socialização. A validade das normas deve estar filiada ao ideal universal de *bem*, sendo que a virtude resulta do trabalho reflexivo, isto é, do controle racional dos desejos e paixões.

3. Leia os textos.

TEXTO I

Ora, a propriedade privada atual, a propriedade burguesa, é a última e mais perfeita expressão do modo de produção e de apropriação baseado nos antagonismos de classes, na exploração de uns pelos outros. Neste sentido, os comunistas podem resumir sua teoria nesta fórmula única: a abolição da propriedade privada. (...)

(...)

A ação comum do proletariado, pelo menos nos países civilizados, é uma das primeiras condições para sua emancipação. Suprimi a exploração do homem pelo homem e tereis suprimido a exploração de uma nação por outra. Quando os antagonismos de classes, no interior das nações, tiverem desaparecido, desaparecerá a hostilidade entre as próprias nações.

TEXTO II

Os comunistas acreditam ter descoberto o caminho para nos livrar de nossos males. Segundo eles, o homem é inteiramente bom e bem disposto para com seu próximo, mas a instituição da propriedade privada corrompeu-lhe a natureza. (...) Se a propriedade privada fosse abolida, possuída em comum toda a riqueza e permitida a todos a partilha de sua fruição, a má vontade e a hostilidade desapareceriam entre os homens. (...) Mas sou capaz de reconhecer que as premissas psicológicas em que o sistema se baseia são uma ilusão insustentável. (...) A agressividade não foi criada pela propriedade. (...) Certamente (...) existirá uma objeção muito óbvia a ser feita: a de que a natureza, por dotar os indivíduos com atributos físicos e capacidades mentais extremamente desiguais, introduziu injustiças contra as quais não há remédio.

Sigmund Freud. *Mal-estar na civilização*, 1930. Adaptado.

Qual a diferença que os dois textos estabelecem sobre a relação entre a propriedade privada e as tendências de hostilidade e agressividade entre os homens e as nações? Explícite, também, a diferença entre os métodos ou pontos de vista empregados pelos autores dos textos para analisar a realidade.

GABARITO

1. O texto 1 aborda a questão da religião transmitindo tranquilidade ao ser humano ao propor um caminho que os conduzirá rumo à satisfação de todas suas necessidades. A condição necessária para isto é a adesão a Deus, ou seja, a fidelidade a Deus garantirá uma vida feliz para aqueles que resolveram ser submissos a Ele.

No texto 2 o psicanalista Sigmund Freud apresenta uma argumentação que o discurso religioso é um discurso que se fundamenta nos sentimentos, desejos e ilusões do ser humano. Para Freud o discurso religioso apela para a infância, à falta de maturidade, falta de autonomia intelectual e afetiva. Neste sentido, as ilusões em relação a uma melhor condição de vida repousam sobre uma mística na qual a razão é deixada de lado. O texto 1 coloca que a satisfação dos desejos serão plenamente atendidos caso nos submetamos a uma **“providência” maior, onde poderemos ter saúde, justiça e uma vida digna sem termos de nos responsabilizar pelas escolhas que fizermos.** Já no texto 2, Freud propõe que o **desenvolvimento da maturidade deve ser fruto de uma “educação para a realidade”, ou seja,** uma educação que coloque o homem de posse de si, sendo racional para a compreensão de suas condições e que seja integralmente responsável pela satisfação dos seus desejos e aspirações, assumindo as consequências de suas decisões.

2. a

A questão faz referência não só aos trabalhos de Freud e de Marx, mas também aos de Nietzsche. Esses pensadores, ainda que possuam uma abordagem bastante diferente entre si, possuem em comum o fato de desprezarem a transcendência e o ideal kantiano. Nesse sentido, o homem a qual se referem não é um indivíduo abstrato (no modelo kantiano), mas um indivíduo concreto. Esse indivíduo concreto é um sujeito ético não somente racional, mas também dotado de paixões e submetido ao meio social em que vive. A ética contemporânea, portanto, baseia-se nessa crise da moral kantiana e na constatação da impossibilidade de adoção de valores universais unicamente racionais.

3. A diferença entre a abordagem marxista e a freudiana exemplifica a oposição clássica entre sociologia e psicologia acerca da análise sobre a realidade. Enquanto Marx e Engels extraem da estrutura social a explicação para a hostilidade, Freud faz sua análise a partir dos atributos psicológicos dos homens. Nesse sentido, Marx e Engels consideram como sendo a propriedade privada a expressão dos antagonismos de classe e a origem da hostilidade entre as nações. Freud, em contrapartida, considera que ainda que seja abolida a propriedade privada, persistirão as injustiças, a má vontade e a hostilidade entre os homens, dado que o homem é naturalmente agressivo.